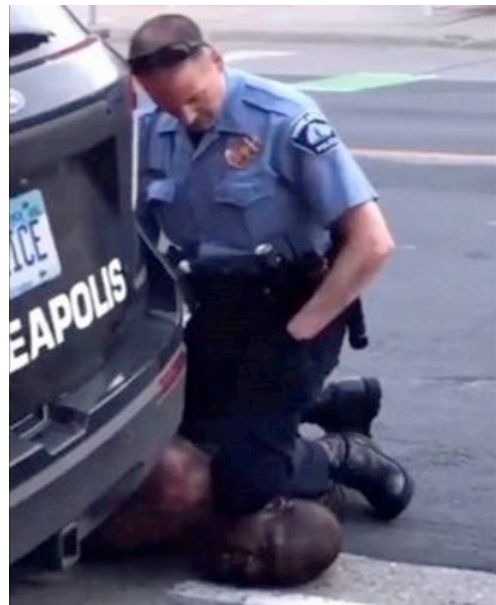


## Imagem no exterior

*Michelle Viana Trancoso  
Vivian Martins*

### **Por uma educação antirracista, libertadora e engajada: Uma conversa com a imagem de George Floyd**

A pandemia da covid-19, causada pelo novo Coronavírus, tornou latentes as desigualdades sociais. À guisa de ilustração, a imagem do assassinato de George Floyd repercutiu e mobilizou manifestações em diversos países. George Floyd foi assassinado por um policial branco que após estrangulá-lo em público, ajoelhou-se sobre seu pescoço, enquanto ele sussurrava que não podia respirar. O efeito global dessa imagem ampliou a campanha Black Lives Matter (Vidas Negras Importam), que obteve força internacional na luta pelo combate ao racismo.



*Autoria de Darnella Frazier (CASO,2020)*

Apesar da comoção à execução de Floyd, no Brasil, é inegável o viés racial da violência letal cometida por policiais no Estado do Rio

de Janeiro, onde os jovens negros possuem 147% mais chances de serem assassinados em relação aos demais jovens brancos, amarelos e indígenas (FBSP, 2019). E apesar de constituírem 55% da população, 75,4% das vítimas letais são negras. Soma-se a esse cenário uma disputa entre uma educação libertária, que considera experiências sociais contemporâneas, e um projeto de manutenção do *status quo*.

Partimos, pois, da premissa de que, para nós, a imagem atua como personagem conceitual que conduz a múltiplos pensamentos, com os quais se criam '*conhecimentossignificações*' (ALVES; ANDRADE, 2013) para pensarmos possibilidades nos cotidianos escolares. Como um intercessor, dispara reflexões, nos impulsiona a articular ideias e contribui para o projeto de educação antirracista. Além disso, as imagens são memórias permanentes nos cotidianos escolares, artefatos capazes de despertar narrativas e de fazer circular '*conhecimentossignificações*', porque

as imagens são necessárias no mundo contemporâneo para dele falarmos de seu presente, tanto como o é para lembrar como foi '*construído*' em seu passado quanto se queremos pensar suas mudanças no futuro (ALVES, N. 2015, p. 193).

Com base em Freire (1987) assumimos o desafio da autolibertação junto à libertação do outro pois, segundo o autor, o sentido da luta contra a opressão reside no processo em que o oprimido busca recuperar sua humanidade sem perpetuar o ciclo da opressão. Ele aprofunda o debate apontando que "a ordem social injusta é a fonte geradora, permanente, desta generosidade que se nutre da morte, do desalento e da miséria" (FREIRE, 1987, p. 20). Portanto, é preciso superar a contradição, pela qual o oprimido deve buscar se libertar, não para se apropriar da condição de opressor, mas sim para transformar a estrutura que desumaniza ambas as partes. Nesse sentido, a educação problematizadora requer a dialogicidade, já que a (re) existência humana se dá pela palavra.

Corroborando com Freire, encontramos Bell Hooks (2013), que se volta para as questões identitárias, concebendo a pedagogia engajada a partir da pedagogia do oprimido, com foco no bem-estar, no pensamento crítico, no engajamento mútuo, no ativismo e no multiculturalismo. Sobre a confrontação da classe social na sala de aula, a autora afirma que “é preciso coragem para abraçar uma visão de integralidade do ser” (HOOKS, 2013, p. 243). Concordamos, pois, que para uma educação antirracista é preciso questionar a história, os pressupostos normativos, o apagamento dos debates sobre raça e classe na educação, desnaturalizar o racismo e os privilégios, e criar uma ambiência de “intercâmbio dialético” (HOOKS, 2013).

Em resumo, tomamos as reflexões aqui apresentadas como possibilidades para pensarmos currículos plurais e emancipatórios, que o processo de visibilização dos sujeitos autores e de suas experiências possa contribuir com a luta pelo combate às diversas desigualdades sociais. É fundamental que imagens como as de Floyd e as de tantos cidadãos percorram os currículos, promovendo debates e ressignificações educacionais. Esperançar é preciso.

## **Referências:**

ALVES, Nilda. **O espaço-tempo escolar como artefato cultural nas histórias dos fatos e das ideias**. In: GARCIA, Alexandra; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. (Orgs.). Nilda Alves: praticantepensante de cotidianos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. p. 193-207.

ALVES, Nilda. ANDRADE, Nívea. **Histórias possíveis entre imagens**: conhecimentos e significações na produção de vídeos em escolas. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. Processos & Práticas de Pesquisa em Cultura Visual & Educação. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2013. p. 135-151.

ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, ano 13, 2019. ISSN 1983-7364 versão online. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp->

[content/uploads/2019/10/Anuario-2019-FINAL\\_21.10.19.pdf](content/uploads/2019/10/Anuario-2019-FINAL_21.10.19.pdf). Acesso em: 19 ago 2020.

CASO George Floyd: morte de homem negro filmado com policial branco com joelho em seu pescoço causa indignação nos EUA. **BBC NEWS**. 27 mai. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52818817>. Acesso em: 21 ago. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

### **Sobre as autoras:**

**Michelle Viana Trancoso** – Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ), linha Cotidianos, Redes Educativas e Processos Culturais. Membro do Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura – GPDOC.

**Vivian Martins** – Professora do Instituto Federal do Rio de Janeiro. Doutoranda e mestra em Educação (ProPEd/UERJ). Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância (UFF), MBA em Gestão de Recursos Humanos (UFF) e Graduada em Pedagogia (UERJ). Membro do Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura – GPDOC.